

## Ortodoxos ucranianos em Curitiba: Práticas culturais e religiosas em diálogo com sociabilidades urbanas.

Paulo Augusto Tamanini<sup>1</sup>

### Resumo:

Tendo como referencial teórico Nestor Garcia Canclini, que conceituou cultura como um processo em constante transformação, e que possui formas próprias de organização e características que lhes são intrínsecas, este artigo tem como objetivo estudar a hibridização cultural presente no processo de identificação étnico-religiosa de uma comunidade ortodoxa ucraniana, estabelecida no bairro Bigorriho, em Curitiba. Esta comunidade étnica, na interação com outras sociabilidades ofertadas pelo espaço urbano, flexibiliza seus hábitos e costumes tradicionais, deixando visíveis rupturas e justaposições, com o objetivo de lograr interação, afastando assim a possibilidade de ser taxada como uma comunidade periférica. Através de entrevistas, embasamento empírico observado nos ritos e celebrações comunitárias e de visitas a algumas famílias que moram no Bairro Bigorriho, pude constatar que o imaginário étnico-religioso publicizado entre os ucranianos e seus descendentes diverge do idealizado por causa do cruzamento sociocultural em que o tradicional e o moderno se misturam mais fortemente em ambiente urbano.

Palavras-chave : cultura híbrida/ ortodoxos ucranianos/ etnia e práticas religiosas

É consensual afirmar que a imigração ucraniana para o Brasil se deu em três grandes etapas vindas, na maioria das vezes, da região da Galícia, atraída ora por propagandas do governo brasileiro, ora fugindo das guerras.<sup>2</sup> Concorde-se, igualmente, que a maior parte da imigração eslava que chegou ao Brasil professava a fé católica de rito oriental e que foi direcionada para a zona rural, onde receberam do governo lotes de

---

<sup>1</sup> Paulo Augusto Tamanini é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina. UDESC/ Florianópolis – SC, tematizando os imigrantes ucranianos em SC, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Marlene de Fáveri; bolsista CAPES e integrante da Linha de Pesquisa *Culturas Políticas e Sociabilidades*; graduado em Filosofia (FEBE) e Especialista em História pela UFSC.

<sup>2</sup> BORUSENKO, Oksana. In PASKO, Guto. Documentário. **Made in Ucraina**: os ucranianos no Paraná. Curitiba: GP7, 2006.

tamanho suficiente para o cultivo da agricultura familiar.<sup>3</sup> Neste artigo, foco a presença de algumas famílias ortodoxas ucranianas estabelecidas em Curitiba, inseridas em meio urbano com quem travavam diálogos e trocas simbólicas. Tão importante quanto à pertença religiosa, é a especificidade do lugar aonde estes imigrantes se estabeleceram. O pertencimento religioso ou a filiação eclesial dos ortodoxos é um dado fundamental a ser considerado dentro da dinâmica da representação étnica articulada ao espaço social urbano, ante a emergência das relações alinhavadas entre costumes e lugares.

Como cada lugar contextualiza o simbólico e reconstrói as representações, indago de que forma os ucranianos ortodoxos se inscreveram nestes cenários que, frente à trama majoritariamente urbana, disponibiliza ofertas simbólicas heterogêneas<sup>4</sup>, pulverizando qualquer forma de fronteiras.

Conforme afirma Maria Luiza Andrezza, o local de estabelecimento determina em muito o ritmo da adaptação do grupo à nova realidade<sup>5</sup>, esta pesquisa, investiga a comunidade ortodoxa ucraniana estabelecida no Bairro Bigorrião, em Curitiba, pontuando sua articulação com o capital ofertado e o oferecido. Se o meio rural, por certo, aparecia como o *locus* privilegiado de manutenção da cultura e costumes étnicos, onde praticamente a possibilidade de fazer negociações para lograr certa interação era mínima, no meio urbano, percebe-se a necessária frouxidão na concepção de identidade que dialoga com o espaço urbano, onde se insere, o que segundo Néstor Garcia Canclini, pode ser entendido por hibridações. O autor entende por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.<sup>6</sup> As práticas discretas que são encenadas em territórios separados sugerem a existência de fronteiras, de limites, de demarcações onde se constroem espaços adequados. Em capitais metropolitanas, pensar em esquadrihar e delimitar territórios aonde é possível acomodar o que se julga específico é condenar-se à estigmatização e à marginalidade.

---

<sup>3</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias**: um estudo da imigração ucraniana –1895-1995. Curitiba. Aos Quatro Ventos, 1999.

<sup>4</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 285.

<sup>5</sup> ANDREAZZA, M. L. **Uma herança camponesa**: moradia e transmissão patrimonial entre imigrantes ucranianos (Brasil, 1895-1995) », Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Colóquios, 2008, Puesto en línea el 27 janvier 2008. p.4 URL : <http://nuevomundo.revues.org/index20822.html>

<sup>6</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit., p.19.

Canclini sugere que a urbanidade seja capaz de aliançar práticas culturais dessemelhantes desbancando toda e qualquer forma cativa de se viver em separado, até porque a cultura, segundo ele, se constrói negando as tradições e os territórios.<sup>7</sup> Para ele, a hibridação surge da criatividade individual e coletiva que reconverte e reinsere práticas culturais distintas em um só cenário, valendo-se de certas estratégias de reconversão simbólica. O bairro assim pode ser considerado um lugar de cruzamento de correntes culturais diversas cuja materialidade cultural se acomoda na dinâmica relacional.

Diferentemente do que ocorre em meios rurais onde a demarcação de linhas imaginárias restringe a circulação, troca e interação da cultura entre outros campos de encenação cultural, em espaços urbanos parece que as fronteiras são muito líquidas, porosas e pouco funcionais. Para Pièrre Lévy, as fronteiras não existem a priori, são delimitadas pelas circunstâncias e convenções.<sup>8</sup> Tomando região como um espaço delimitado por fronteiras que, mesmo não podendo ser muitas vezes nitidamente definidas com uma linha demarcatória, funcionam no plano simbólico como um traço de separação e, pois, de exclusão: a região é algo fechado dentro de fronteiras. A essa idéia de espaço com fronteiras fechadas soma-se a idéia de que a região é um espaço periférico com relação ao centro que é sempre polarizador. A região não é, pois, na sua origem, uma realidade natural, mas uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade. Tal divisão só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar um território, há certamente critérios, entre os quais o mais importante é o de alcance e de eficácia do poder de que se reveste quem delimitou a região.

O aprisionamento advindo das demarcas sociais, impetrado pelo outro, por certo seja tão venal quanto aquele decretado como punição judicial por um delito cometido. Os limites por si podem esvaziar a possibilidade da troca, do compartilhamento entre saberes, entre experiências. Quando existe as demarcas, soerguem os perímetros da proibição que desfavorecem os encontros de culturas, por isso impossibilita o seu escambo. A análise do discurso, na perspectiva da construção de subjetividades, auxilia no entendimento de como este grupo de imigrantes tecia para si a imagem de família, na comparação com a do sacerdote que os assistia na comunidade, mas que era confrontada

---

<sup>7</sup> Ibid. p.49.

<sup>8</sup> LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, 1993, p.143.

pela oferta de outros padrões que a cidade dispunha. Se a igreja, representada pela hierarquia clerical, discursava apelando para uma *pureza* étnica, incentivando a manutenção das práticas culturais, sobretudo as religiosas, o espaço urbano produzia certos deslizamentos e deslocamentos destes costumes. A região, concebida como local delimitado por fronteiras, suscita análise do termo “fronteira”. Para além de ser a parte limítrofe de um espaço em relação a outro, a fronteira não pode ser concebida por este único viés: mais do que uma demarcação, pode ser idealizada também como porta de passagem, ponto de transição e de intermediação. Parece ser nas fronteiras onde se avigoram os cuidados, se reforçam a sentinela para não deixar que elementos estranhos invadam ou contaminem espaços familiares; ao mesmo tempo, é na fronteira que também existe o consentimento, a permissão para que o novo encontre lugar e espaço para possíveis convivências. Por isso, conceber a fronteira somente pela óptica topográfica, perder-se-ia oportunidades de estudá-la como local por onde relações entre grupos são redesenhadas, reestruturadas, ou cristalizadas. A luta pela preservação daquilo que se julga característico de um grupo ou as suas possíveis negociações e graus de tolerância se dão nas fronteiras, por tanto, elas se tornam objeto de análises mais apuradas. É na fronteira que são estabelecidos e articulados os contatos, onde são celebrados acordos de interação e de relação entre os desiguais, regidas por regras de relacionamento, onde se observam critérios e sinais de identificação.<sup>9</sup>

É preciso observar se o campo de identificação religioso rasurava algumas condições de fronteiras entre grupos de interesse especiais. A partir desta concepção, é possível afirmar que os discursos que privilegiam a peculiaridade étnica ou religiosa de certo grupo, agigantam possibilidades de sectarismos e intolerâncias, o que reflete em diversos signos de pertencimento. Se a percepção de si sedimenta olhares, possibilitando ou não os *estranhamentos* ou os reconhecimentos, são necessários perceber de que *ucraniano* estamos falando e como o pertencimento religioso e o local de estabelecimento interferiam nesta identificação. Portanto, esta identidade bicéfala pode desestruturar e romper com a visão unívoca de se definir o imigrante ucraniano, estabelecido no Sul do Brasil, por um só viés. A pretensão de se buscar um holismo cultural e religioso no estudo da permanência ucraniana em Curitiba subtrai a possibilidade de revelar, nos interstícios do cotidiano, registros diferenciadores de um mesmo grupo étnico.

---

<sup>9</sup> BARTH, Frederich. Op. Cit. p. 196.

Todavia, as pessoas existem, vivem e se socializam dentro de uma esfera circunscrita chamada lugar. É no lugar que é possível flagrar os descaminhos ou trajetos nem sempre lineares das relações entre pessoas e descobrir suas conexões nas visceralidades do cotidiano. O lugar torna possível a pesquisa, mas também é ele que delimita o campo de seu objeto. O lugar em estudo é o bairro Bigorriho onde os imigrantes ucranianos ortodoxos eram percebidos ou despercebidos. Para os muitos outros moradores do Bairro, a vinda de famílias étnicas nem eram notada a princípio: eram anônimos misturados a outros tantos. Anônimo é quem não tem nome, aquele que não é nomeado, chamado, alcunhado, portanto, indistintamente percebido, não reconhecido, perdendo-se no emaranhado conjunto das relações multifacetadas. O anonimato parecia ser favorável aos ucranianos uma vez que os isentavam de dar explicações aos curiosos, habitantes do Bairro.

O imigrante, por certo, é um agente influenciador e influenciável da cultura do outro; modifica hábitos, quebra com a rotina estabelecida, reestrutura os paradigmas da normalidade e impõe com sua presença outros costumes. Por sua vez, é susceptível às mesmas assimilações e aglutinações; é influenciado pelo meio, tendo que remodelar suas vivências, inserido em um novo ambiente social. A imigração não pode ser vista apenas como mero deslocamento de pessoas, mas também como deslocamento da cultura e do simbólico que constroem identidade.

Canclini afirma que os processos de hibridação levam a relativizar a noção de identidade, questionando inclusive a tendência de vê-la como ‘pura’ ou ‘autêntica’. O autor afirma que as narrativas identitárias com enfoques teóricos que levam em conta os processos de hibridação mostram que não é possível falar das identidades entendida como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-la como a essência de uma etnia ou nação.<sup>10</sup> “A identidade é relativa, está em constante re-elaboração e não é uma só, senão múltipla construindo-se, na medida que se articula em diferentes espaços”.<sup>11</sup> A identidade é “identificação, é processo que se dá na família, na religião, na aldeia”, pelo contato, pela interação.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. Op. Cit. p. 23.

<sup>11</sup> MONTEIRO, Guadalupe Vargas. Cosmogonia, mentalidad y región. In: DEMBICZ, Andrzej. (editor) **Interculturalidad en América Latina en âmbitos locais y regionales**. Warszawa: CESLA, 2004, p.128.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976, p. 4.

Dado isto, pode-se afirmar que a identidade étnica de um indivíduo é criada pelo contato com o outro; é na interação e na relação com a alteridade que se percebe o indivíduo dotado de outros signos culturais. Segundo o antropólogo Roberto Cardoso Oliveira, a etnia é algo construído e percebido na relação<sup>13</sup>. Neste sentido é fundamental entender sua visão espacial da sociedade. Para ele, o “espaço social” é hierarquizado pela desigual distribuição de diferentes capitais que permite enfatizar o conjunto de campos sociais que formam a sociedade. Os campos não são espaços com fronteiras estritamente delimitadas, totalmente autônomas. Eles se articulam entre si, e a forma como se articulam compõe o universo de socialização, permitindo separar ou unir pessoas e, conseqüentemente, forjar solidariedades ou constituir divisões grupais de forma universal pelos laços de fios invisíveis. Esses fios tanto consolidam afinidades e simpatias, que constituem as redes de solidariedade objetivamente definidas, como forjam antipatias firmadas pelo preconceito. Da mesma forma que para se tecer, muitos fios se juntam, se entrelaçam, compondo certa unidade, os fios invisíveis da convivência com pessoas e instituições, elaboram tessituras do cotidiano, formando um enredo, nem sempre elucidado. As tramas têm suas próprias lógicas, seguem roteiros adequados às finalidades distintas cuja compreensão foge e desbanca à lógica dos raciocínios preestabelecidos. Parece que a surpresa é uma constante nos enredos elaborados a partir do presente; é no acontecer dos fatos que se desenrolam os enredos. Na comunidade ucraniana, quando explícita ou implicitamente havia a necessidade de tomar posição sobre determinada questão os fios invisíveis dos laços de consangüinidade ou parentesco privilegiavam os seus. O grupo de imigrantes existia e não havia como negar a sua existência, mesmo em macro-espaços .

A vida social se dá dentro de um território, palco das realidades conflitantes ou compatíveis entre os sujeitos que se interagem, dentro do qual são identificados os seus pares ou os desafetos. O espaço construído, adequado para ‘os outros’, tomado como próprio para o tipo étnico, delimitava igualmente as relações sociais e de ordem dos autóctones para com os estrangeiros. Segundo Barth, limita igualmente o âmbito dos fatores que se utiliza para explicar a diversidade cultural: imagina-se que cada grupo desenvolve sua forma cultural e social em isolamento relativo, essencialmente, reagindo a fatores locais, ao longo de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos, produzindo um mundo de povos separados, “cada um com sua cultura própria

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Op. Cit. p.3.

e organizado numa sociedade que pode-se legitimamente isolar para descrevê-la” É no espaço físico que se desenham as afinidades, as antipatias, as consangüinidades e os parentescos que habitualmente denomina-se ‘lar’, ‘casa’ ou ‘residência’. Por sua vez, o lar, a casa e a residência estão inseridas dentro de um espaço maior (denominado rua, bairro ou vila), mais abrangente, suportando relações mais completas e complexas. Estes micro-espacos podem ou não se inter-relacionar. Quando não se inter-relacionam, dá-se o isolamento, a exclusão e a marginalização que podem ganhar acentos brandos ou graves.

Era necessário existir socialmente e “existir socialmente é ser percebido como diferente”. A diferença é uma realidade apregoada aos não comuns, aos que fogem do ordinário, aos que extrapolam os marcos da maioria. Nem sempre ser diferente desqualifica quem o é, pelo contrário, é transmutado para algo destacável, foco e alvo dos olhares e atenção, ganhando notoriedade. O dessemelhante por vezes quebra a prepotência da suposta uniformidade e igualdade, interrogando as coincidências dos estilos e maneiras de se conceber a existência que é, a partir de então, remanejada através de outros olhares. Aquilo que é apontado como ‘comum’ carece do elemento personalizador que o distingue dos demais, próprio de quem é ‘diferente’. Ser comum ou ser apontado como tal é ser confundido com tantos rostos alheios justamente por lhe faltar o seu. O comum carrega o paradoxo de se acomodar na obscuridade das múltiplas faces, sem poder reclamar por uma autenticidade digna de deferência; por outro lado, há quem use disto para se camuflar na miragem do anonimato que dissimula qualquer responsabilidade, qualquer questionamento a seu respeito. Talvez, resida nisto o motivo do inconformismo daqueles que são vistos como ordinários, comuns, lutando por uma excepcionalidade, uma especificidade que os destaquem da massa. Ser diferente é ser notado e destacado pela deformação e desvios dos modelos padrões que gestam o comum. Ser diferente é ser individual. O indivíduo tem rosto específico, tem feições mensuráveis e identidade apartada. Para Clifford Geertz, “o indivíduo torna-se humano pelas formas modulares da cultura que faz reconhecer este indivíduo como parte integrante da espécie humana, sem esconder dele sua individualidade”. O diferente também é um igual quando visto sob outras categorias mais globalizantes.

Anônimo é quem não tem nome, aquele que não é nomeado, chamado, alcunhado, portanto, indistintamente percebido, não reconhecido, perdendo-se no emaranhado conjunto das relações multifacetadas.

O anonimato parecia ser favorável aos ucranianos recém chegados uma vez que os isentavam de dar explicações aos curiosos, habitantes da cidade. O sonho de reedificação da comunidade, com o ajuntamento de novos membros, aparece como remédio contra uma possível desintegração e esfacelamento . Para o grupo étnico, acolher novos membros de sua etnia reforçava também os sentimentos de pertença a um grupo maior do qual eles eram somente uma pequena amostra. Era importante tornar visível que a Ucrânia era uma nação com valores próprios, com uma cultura distinta de todas as outras, não emprestada, não copiada de nenhuma outra nação e que deveria ser respeitada.

Os étnicos queriam salvar sua cultura do esquecimento ou da contaminação. É inegável a existência de um modo singular de viver, de encarar a vida, de atribuir valores às coisas que se julga importante, mas nem sempre este aglomerado de seleções pode ser rotulado como cultura específica de um povo. Isto se torna perigoso quando na busca pelo êxito de se buscar exclusividade para uma determinada cultura há necessariamente a exclusão. A pretensa apropriação dos elementos constitutivos do que se julga cultural para um grupo não pode ser tomado por particular. Muitos elementos ditos como *próprios* nos costumes ucranianos, estavam presentes em outras nações eslavas que anteriormente formavam um só bloco: Bielorrússia, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovênia, Montenegro, Polônia, República da Macedônia, República Tcheca, Rússia e Sérvia. A reivindicação de exclusividade objetivava a busca da notoriedade frente a tantas desvalorizações. Para além de se ater a uma conceituação correta do termo, fica a indagação: qual cultura os imigrantes queriam que resistisse às tentações do esquecimento ou da mistura? Quais elementos, vistos como culturais, eram merecedores desta distinção a ponto de serem enaltecidos e preservados imaculados? Certamente eram os elementos que formavam, segundo Geertz, uma teia de significados , os elementos que os distinguiu, que os individualizava das outras nações, que os representasse positivamente e, sobretudo que oferecesse elementos para compartilhar o pertencimento. Desta forma, corre-se o risco de a cultura ser plasmada somente pelas partes merecedoras de júbilo e aplausos, mas que não contempla o todo. Por isso é uma construção imperfeita, ilusória e seletiva.

Este artigo pontua a celebração do Natal entre os ortodoxos ucranianos que vivem no Bairro Bigorilho. Além de focar traços identificadores da maneira de celebrar esta festa cristã, é necessário atentar para o fato de ser festejada treze dias depois de 25



de dezembro, data oficial no calendário civil. Isto porque a “tradição oriental possui simbologia própria, não apenas na conformação da liturgia como também na obediência a um calendário específico”.<sup>14</sup> Segundo o Arcebispo Ortodoxo ucraniano Dom Jeremias Ferens, “a diferença de treze dias do Natal dos católicos se dá porque a Igreja Ortodoxa segue o Calendário Juliano, instituído pelo imperador Júlio César, no ano 46 a.C”. Segundo dom Jeremias, a comemoração do Natal no dia 7 de janeiro era feita até o ano de 1582, por toda a igreja cristã que seguia o calendário juliano, de acordo com decisão do 1.º Concílio Ecumênico de Nicéia (região de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia) no ano 325. Porém, após essa data, o papa Gregório XIII mudou o calendário para gregoriano, “porém nós, os ortodoxos, decidimos manter a data”, disse o prelado. A troca de calendário ocorreu depois do grande cisma da igreja, em 1054, dividindo-a entre a do Oriente e a do Ocidente. Dom Jeremias explica que a igreja ortodoxa também é cristã, porém segue algumas doutrinas diferentes da católica.<sup>15</sup> Sobre este tema Dorotéa Tchopko, uma das grandes incentivadoras da cultura ucraniana no Paraná, em entrevista, ratifica que a diferença da data do Natal Ortodoxo em relação ao Ocidente se deve pela diferença de calendário adotado pela Igreja Bizantina de rito eslavo<sup>16</sup>, o que faz os ortodoxos celebrarem o seu natal no dia 07 de janeiro de cada ano.

Mesmo vivendo em uma cidade onde a oferta cultural se propaga em demasia, os ortodoxos ucranianos celebram em conjunto aspectos de sua tradição. Para além dos traços religiosos há aspectos culturais que ganham conotações folclóricas como o costume de se jogar uma colherada de *cotiá* cujo alvo é o teto da casa augurando felicidades para o anfitrião, ou na preparação dos doze pratos típicos, servidos na Ceia de Natal, por exemplo. Para Canclini, a permanência da realização de práticas folclóricas, ainda que sejam reformuladas revelam seu funcionamento como núcleo simbólico capaz de expressar formas de convivência, visões de mundos típicos<sup>17</sup> e reafirmação das tradições hegemônicas exclusivas do grupo étnico, mas que são encenadas em macro-espacos por isso, de difícil identificação.

---

<sup>14</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias**: um estudo da imigração ucraniana –1895-1995. Curitiba. Aos Quatro Ventos, 1999, p. 88.

<sup>15</sup> FERENS, Dom Jeremias. Arcebispo Ortodoxo Ucraniano. Entrevista cedida em 05 de janeiro de 2009. Curitiba -PR

<sup>16</sup> TCHOPKO, Dorotéa . Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2009. Apucarana. PR

<sup>17</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. Op. Cit., p. 364.

Na celebração do Natal ortodoxo ucraniano, também o tempo cronológico diverge do tempo simbólico, pois ao motivo religioso são acomodados outros com feições distintas, onde o pertencimento étnico se mistura e ganha notoriedade. O que se festeja não se reduz apenas à celebração cristã, mas busca-se através dela manter vivos a materialidade e os signos culturais de identificação que são anacrônicos. A partir do século XVI, o calendário gregoriano passou a normatizar as datas das celebrações do catolicismo ocidental, mas não conseguiu a adesão da parte oriental, muito arraigado à herança bizantina<sup>18</sup>. É possível afirmar então que a preservação dessas formas celebrativas seja explicada também por razões culturais latentes. Os ortodoxos ucranianos, como os católicos ucranianos de rito bizantino tentaram uma recriação social baseada na religião que, no contato com sociabilidades urbanas, nem sempre foi exitosa. A recriação cultural, no entanto, norteadas pelas práticas costumeiras dos hábitos tradicionais de pertencimento étnico traduzia-se em condições propícias de manutenção de seus códigos culturais. A cultura tradicional, para Canclini, não pode ser vista como norma autoritária ou força estática e imutável, senão como um caudal que é utilizado no presente<sup>19</sup>. Deste pressuposto, surgiram alguns questionamentos: como se sentem os ucranianos ortodoxos no dia 25 de dezembro quando só eles não celebram o Natal? Nos dois dias mais significativos da festa da natividade (24 e 25 de dezembro), sentir-se-iam excluídos pela notória diferença cronológica ou acomodavam tais celebrações, readequando-as, para assim produzir novos sentidos? Instigado por esta curiosidade, visitei algumas famílias no Bairro Bigorriho, justamente nestes dois dias. Encontrei casas com pinheiros adornados com lâmpadas pisca-pisca acesas no canto da sala, cartões de Natal (alguns escritos em ucraniano, outros em português) expostos nos cômodos da casa, enfeites de porta como guirlandas e o típico Papai Noel. Em muitas casas, pendurado à parede estava um feixe de trigo, típico ornamento natalino eslavo.

No dia 25 de dezembro, a família estava reunida, no almoço que se prolongava à tarde. É comum que, nestes dias, os pais recebam seus “parentes de sangue e os afins”<sup>20</sup>: filhos com suas noras e genros, netos e netas, tios, cunhados, amigos de seus amigos. Segundo M.T, “o que se festejava junto com os católicos não era a parte religiosa, mas

---

<sup>18</sup> ANDREAZZA, Maria Luiza, Op. Cit., 1999, p. 88.

<sup>19</sup> Ibid., p. 219.

<sup>20</sup> RENK, Arlene. A construção social do colono. In RENK, Arlene. **Sociodicéia às avessas**. Chapecó: Editora Grifos, 2000, p. 138.

se aproveita a festividade para reunir a família e celebrar laços de sangue”.<sup>21</sup> M.T ainda declara que “o verdadeiro Natal é aquele que se celebra na Igreja no dia 06, onde a festa acontece na alma”.<sup>22</sup> A Revista VEJA em 1996, também publicou uma matéria sobre as tradições natalinas vividas por muitas etnias e que incluía também os ucranianos. Mirna Voloschen, ucraniana ortodoxa, na ocasião, em entrevista, comentou sobre as iguarias servidas na noite do dia 24 de dezembro: “para nós comer peru no natal não tem significado nenhum, pois o nascimento de Jesus, só é festejado no dia 07 de janeiro”.<sup>23</sup> É possível então pensar que a celebração do Natal católico era importada e ressignificada, ganhando outras conotações, enquanto que a festa do dia 06 e 07 de janeiro, para além dos motivos relacionados à crença, reforça-se traços identitários e de pertencimento.

Parece difícil elucidar estas diferenças quando alguns ucranianos ortodoxos faziam questão de participar das *Koliades* nas duas datas: 24 de dezembro e 06 de janeiro. As *Koliades* são canções natalinas típicas da Ucrânia que são cantadas por grupos específicos e que saem pela madrugada de casa em casa para anunciar o Natal. Tanto os ortodoxos quanto os católicos ucranianos de rito bizantino mantêm estas tradições. Os moradores já aguardam, durante a madrugada, estas visitas em suas casas e preparam os pratos típicos para serem servidos, com vinho, refrigerantes, aguardente e cerveja.

Algumas falas colhidas afirmam que em Curitiba, até a década de 1990, a tradição dos cantos de *Koliades* foi mantida pelos fieis de ambas as igrejas. Com a urbanização batendo à porta das casas, relata L.S, “muitos de nós ortodoxos acharam melhor cantar as *Koliades* no salão da igreja e não ir às casas, pois os vizinhos reclamavam muito”<sup>24</sup>. Parece que a articulação das práticas locais da cultura com os emaranhamentos advindos de espaços cosmopolitas requer reorganização e a

---

<sup>21</sup> M.T. 59 anos. Ucraniana ortodoxa. Moradora do Bairro Bigorriho. Entrevista cedida em 06 de janeiro de 2009.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> VOLOSCHEN, Mirna. **Festa à brasileira**. Revista Veja. São Paulo . Ed 1476. Ano 29. Nº 52. 15/12/1996, p.187. Entrevista concedida a Thomas Traumann

<sup>24</sup> L.S. 61 anos. Ucraniano ortodoxo. Morador do Bairro Bigorriho. Entrevista cedida em 10 de janeiro de 2009.

relativização do *quando* e *onde* encenar suas tradições, o que não significava sua supressão.

Sr. L. S, ortodoxo da Catedral São Demétrio, ao narrar sua visita às casas de ucranianos católicos de rito bizantino, na noite de Natal, do dia 24 de dezembro de 2008, observa a existência de certa interação com todos. “Ao abrirem as portas das suas casas, os *uniatas* não se espantam mais por me ver, pois muitos deles, em 06 de janeiro, em minha casa estarão festejando comigo o nosso Natal”.<sup>25</sup> Para além da mera reciprocidade das visitas, percebe-se o afrouxamento do sectarismo que outrora era costumeiro entre ortodoxos e católicos uniatas em Curitiba. Talvez, o espaço urbano não deixa brechas para que estas relações conflituosas tenham vida longa. A repetição, ano após ano, destes encontros de matizes conciliatórias, fez parecer natural que ortodoxos e católicos uniatas celebrem juntos algumas festas religiosas, fora da igreja. Informações complementares dão conta que muitos ucranianos, embora professando a fé cristã de diferentes vertentes, almejam que as disputas e conflitos sejam sanados, como segreda J. P: “se fôssemos sempre assim unidos, teríamos mais forças e mostraríamos que temos cultura, um passado rico em tradição. Infelizmente, por motivos religiosos, somos divididos e isso nos enfraquece”<sup>26</sup>.

Para além dos motivos religiosos, o engajamento pelas transformações relacionais parece ter outros propósitos: não perder, por causa de animosidades, o que se julga característico do grupo, qual seja, sua materialidade cultural. A fé professada, para J.P, não pode ser motivo suficiente para o enfraquecimento dos costumes, ao contrário, segundo ele, deveria ser quem equalizasse as diferenças e não a que as acentuassem.

O depoente expressa seu gosto pelas origens, pela terra dos ancestrais que oferecia um patrimônio cultural que deveria ser publicizado, na unidade. A cidade, como não tem compromisso com nenhuma etnia específica, pois abarca todas, atenua a exteriorização exclusiva deste patrimônio. Afinal, a modernidade implícita nos espaços urbanos, não apaga o específico de um grupo, mas o coloca em segundo plano.<sup>27</sup> Nota-se aqui, a crença de que um grupo de pessoas possa ser o guardião de valores culturais, cujas raízes estão em outros territórios, em espaços diferentes. Por isso, não seria de se

---

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> J. P. 47 anos. Ucraniano Católico de rito bizantino. Entrevista cedida em 10 de janeiro de 2009.

<sup>27</sup> AUGÉ, Marc. **Não -lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas – SP: Papyrus, 1994, p.72.

espantar que os termos desse discurso sejam geralmente espaciais, a partir do momento que o dispositivo espacial, é ao mesmo tempo, o que exprime a identidade do grupo. Segundo Marc Auge, “as origens do grupo são, muitas vezes, diversas, mas é a identidade do lugar que os funda, os congrega e os une”.<sup>28</sup> Neste estudo, qual seria este lugar? O grupo étnico constrói e reconstrói lugares de exposição. Resignifica os palcos da encenação cultural. São palcos itinerantes: ora na igreja, ora no salão; ora nas casas, ora nos estandes das exposições e das feiras étnicas, onde é possível marcar a “presença do passado no presente que o ultrapassa e o reivindica”.<sup>29</sup>

As *Koliades* marcam momentos de conciliação entre membros de um mesmo grupo que têm certo grau de estranhamentos com os palcos da cidade. A hibridação dos cenários urbanos com os sentidos que dele advém ao se dramatizar as partes constitutivas de certa etnia recompõe os diversos cenários. Segundo Canclini, quando se trata de entender os cruzamentos nas fronteiras entre lugares, nas redes fluidas que intercomunicam os povos, etnias e classes, então a cultura aparece não como entidades, mas como cenários<sup>30</sup>. Os ucranianos atuam nos cenários da cidade, mesmo que coadjuvando, emprestando-lhe plasticidade, movimento e som às paragens urbanas.

O ritual das *Koliades* vai se desenhando pelo cumprimento de certas rubricas, caracterizada por certa informalidade. O grupo entra nas casas, já previamente estabelecidas. As canções rompem o silêncio da madrugada, disputando seu lugar com o som de algumas buzinas de carros que atravessam as ruas, mesmo no avançado da hora. A primeira canção é entoada no lado de fora da casa, antes que o anfitrião abra solenemente a porta de sua sala para que todos possam nela adentrar. Não há conversas, nem cumprimentos, pois não é somente uma visita amistosa é o anúncio do Natal, comemorado por um povo que se reconhece nas familiaridades de seus códigos culturais. Os protocolos de recepção, tão exigidos pela etiqueta social quando se realizam visitas formais ou informais, ganham outros momentos: após a execução das canções todos se cumprimentam e logo são convidados a refestelar-se. Na saída, a última canção é entoada em forma de agradecimento. O anfitrião então, coloca uma oferta em dinheiro ao chefe do grupo que doará a soma arrecada à Igreja paroquial.

---

<sup>28</sup> AUGÉ, Marc. Op.Cit., p.87.

<sup>29</sup> Ibid p. 71

<sup>30</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. Op. Cit., p 362.

Nestas visitas às casas, algumas são rápidas, outras mais demoradas. “O número de casas a serem visitadas em Curitiba é grande, pois são muitos ucranianos que vivem aqui, na Capital<sup>31</sup>, assim contabiliza L. S, não especificando ou diferenciando entre ortodoxos e católicos de rito bizantino. Diz ele que, em janeiro quando os ortodoxos celebram sua festa, a noite de 06 de janeiro só termina na madrugada do dia 07. Os ortodoxos, como já foi mencionado, celebram as *Koliades*, no salão da Igreja São Miguel Arcanjo, na Vila Guaira. Mesmo assim, há aqueles que não se conformaram com esta restrição ditada pela normas da cidade e seguem a tradição, visitando as casas uns dos outros cujos moradores estão mais afastados do centro da cidade.

O que conversam durante estas visitas? Como afirma Ginzburg, parece ser exatamente nos fatos mais negligenciáveis que se encontram as respostas mais abrangentes das indagações, das curiosidades. A partir de indícios, busca-se retirar de detalhes uma realidade complexa<sup>32</sup>. As falas nos informam muito sobre o posicionamento do sujeito no mundo, revelam muito sobre sentimentos e sentidos, expõem convicções que ao incauto passa sem registrar sua importância.

Nestas conversas, acontecidas entre o sorver das iguarias, a nostalgia parece transportar pessoas ao mundo do passado, pelas amarras das lembranças, mundo este nem sempre totalmente real, porém, reconstruído pela reminiscência. A filósofa contemporânea Marilene Chauí define a memória como sendo “uma evocação do passado e a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”.<sup>33</sup> Neste processo de fazer emergir as lembranças, as perdas são inevitáveis, vindo à tona somente o selecionado por ele, como descrição feita no presente, daquilo *experenciado* no pretérito. Tal descrição nem sempre é fiel ao acontecido e abrangente porque também a memória “registra apenas um dos modos de se freqüentar o mundo”<sup>34</sup>, não ignorando a existência de outros.

Do que as *Koliades* falam? Para além do anúncio do nascimento de Jesus e conseqüente augúrio de um santo natal, as canções fazem soldar as amarras que ligam o presente ao passado. Parece ser uma leitura reducionista acreditar que tais canções

---

<sup>31</sup> L. S. Op. Cit.

<sup>32</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e história. São Paulo. Cia das letras, 1989.

<sup>33</sup> CHAÚÍ, Marlene. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994, p. 125.

<sup>34</sup> GROSSI, Yonne de S.; FERREIRA, Amauri C. Razão narrativa: significado e memória. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, n.4, p.31, jun. 2001.

servissem apenas para preencher a agenda da visita natalina. Nas letras de canções, também se escondem outras fontes que apontam para tantos detalhes, inúmeras pistas, incontáveis maneiras de se explicar ou entender a dinâmica da construção e percepção que um grupo tem de si. A canção é um discurso que usa do canto para ser proferido; é uma narrativa que usa da força poética para impingir o drama; é uma modalidade da linguagem oral manifestada pelos tons e semitons de uma pauta musical, nem sempre explícita; é um poema que re-significa o seu objeto pela voz da melodia. Nas *Koliades* se ocultam traços da cultura, manifestos nas composições que retratam tantas maneiras de posicionar frente ao mundo; as letras são explícitas influências do viver de quem a pensou.

As *Koliades* não são entoadas apenas pelas vozes. Por vezes, as mãos que se esfrega, a cabeça que se inclina, os olhos que se umedecem, refletem o peso da palavra cantada. Vozes e gestos, desta forma, compõem o par interpretativo direcionando emoções, fomentando de certa forma incontáveis interpretações.

Analogicamente, o autor de um texto não pode se certificar de que todos os leitores chegarão àquela compreensão que ele espera; tal incerteza na interpretação das *Koliades* parece não existir. Pois, as melodias dessas canções formam um percurso, um caminho, onde são delimitadas as possibilidades para não se confundir as emoções inicialmente pensadas, produzidas dentro de um contexto. Parece que as canções que os visitantes ucranianos interpretavam na noite de Natal não corriam tal risco, uma vez que tanto o contexto em que foi pensado quanto ao de sua interpretação se assemelham, naquela visitas que se faziam, nas noites festivas da Natividade.

Num ambiente onde parecia contribuir para evidenciar a nostalgia pela terra deixada, a canção reforçava e majorava as lembranças. As vozes rememoravam o passado construído e mitificado pelo embalo dual da letra e melodia que arquitetavam uma canção cujo enredo não necessariamente passava pelo crivo das exigências metodológicas que ao pesquisador é deprecado. Outras cobranças são impostas para que uma canção seja eternizada e, talvez, uma delas seja a saudade. Neste borbulhar de emoções que se assomavam aos fatos, pode-se entender o porquê do apego (demasiado!) à ancestralidade, mesmo em lugares urbanos.

Parece que a noção do híbrido nasce da crise de conceituar com precisão o resultado do encontro e da interpenetração de culturas dessemelhantes, num mesmo espaço, o que faz desencadear novas combinações e sínteses compartilhadas. Os

ucranianos de Curitiba, celebrando o seu Natal e entoando as *Koliades* experienciavam o entrecruzamento de diferentes tempos históricos: tradição milenar e camponesa fazendo-se presente em espaços e tempos contemporâneos. Embora Canclini assinale não haver forte oposição entre o urbano e as práticas culturais do mundo rural, os ucranianos católicos de rito oriental e os ucranianos ortodoxos ajustavam-se às exigências da cidade grande para poder encenar e demonstrar vínculos locais de afetividade<sup>35</sup>. A materialidade cultural de um grupo, expressas nas diversas formas, são reeditadas e reinventadas tantas vezes quanto for possível transpor, individual ou coletivamente, aspectos importantes do que se julga importante para uma família, um grupo, uma comunidade, uma etnia. Afinal, como diz Canclini, somos muito criativos.

### **Bibliografia:**

ANDREAZZA, M. L. **Uma herança camponesa:** moradia e transmissão patrimonial entre imigrantes ucranianos (Brasil, 1895-1995) », Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Colóquios, 2008, Puesto en línea el 27 janvier 2008. p.4 URL : <http://nuevomundo.revues.org/index20822.html>

\_\_\_\_\_. **O Paraíso das Delícias:** um estudo da imigração ucraniana –1895-1995. Curitiba. Aos Quatro Ventos, 1999

AUGÈ, Marc. **Não–lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas –SP: Papyrus, 1994.

BORUSENKO, Oksana. In PASKO, Guto. Documentário. **Made in Ucrânia:** os ucranianos no Paraná. Curitiba: GP7, 2006

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHAUÍ, Marlene. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1994.

---

<sup>35</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. Op. Cit., p 285.



GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** Morfologia e história. São Paulo. Cia das letras, 1989.

GROSSI, Yonne de S.; FERREIRA, Amauri C. **Razão narrativa:** significado e memória. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n.4, p.31, jun. 2001

LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, 1993.

MONTEIRO, Guadalupe Vargas. Cosmogonia, mentalidad y región. In: DEMBICZ, Andrzej.(editor) **Interculturalidad en América Latina en âmbitos locales y regionales.** Warszawa: CESLA, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura Social.** São Paulo: Pioneira, 1976.

RENK, Arlene. A construção social do colono. In RENK, Arlene. **Sociodidécia às avessas.** Chapecó: Editora Grifos, 2000.

VOLOSCHEN, Mirna. **Festa à brasileira.** Revista Veja. São Paulo. Ed 1476. Ano 29. Nº 52. 15/12/1996, p.187. Entrevista concedida a Thomas Traumann.